

A INFLUÊNCIA DA BÍBLIA

HUGO McCORD

O fato de que a doutrina da Bíblia exerceria uma influência poderosa e que essa influência seria o resultado de persuasão (e não objeto da conquista) são previstos nas profecias bíblicas. Embora um grande número de pessoas venha a ser convertido, o propósito do cristianismo não é acumular números, mas primordialmente influenciar os homens moral e espiritualmente, produzindo novas vidas. A história da influência do cristianismo fornece uma das provas mais convincentes de sua origem celestial.

TRATAMENTO HUMANO

Na história do bom samaritano, Jesus ensinou que até estrangeiros são próximos que devem ser amados e ajudados. Jesus tornou, assim, todos os homens irmãos e registrou Sua vontade de que todos os seres humanos sejam tratados com humanidade.

Crianças

Por mais ocupado que estivesse, Jesus teve tempo para segurar crianças em Seus braços. Seus atos e atitudes para com os pequeninos exerceram um efeito sobre milhões de pessoas. Aqueles que aceitaram o cristianismo — e muitos outros também — começaram a ver a humanidade e crueldade que uma criança rejeitada sofre e começaram a ensinar contra tais práticas e tentar mudá-las. Costuma-se ensinar que Jesus experimentou a infância para santificar esses períodos da vida. A influência do ensino de Jesus a respeito da preciosidade da vida afetou o palácio do imperador, e dois mil anos depois esse fermento ainda está ativo. MILHÕES que nem são cristãos ficam horrorizados com a idéia de uma criança ser maltratada.

Mulheres

Um grupo de mulheres acompanhava Jesus

em Sua obra. O fato de Jesus aceitar a ajuda delas e proteger os direitos delas teve um grande impacto na história do mundo. A condição da mulher iníqua era pouco melhor do que a de um escravo. Se fosse casada, era propriedade do marido; se solteira, era como um brinquedo ou uma escrava do marido, jamais sua parceira.

Predominava uma suspeita desdenhosa das mu-

lheres, mesmo nas mentes mais brilhantes. Costuma-se dizer que seria impossível saber se Cícero teve mãe através dos seus escritos. O Novo Testamento citou pelo nome e honrou mulheres mais do que todas as obras da era augustana. Libânio, um sofista pagão e tutor do imperador apóstata Juliano, tomou conhecimento de uma mãe cristã, Antusa, e exclamou: “Que tipo de mulheres esses cristãos têm!” Hoje, milhões de homens que nem sequer aceitam Cristo vieram a aceitar parte do Seu ensino sobre o valor do sexo feminino.

O Casamento e o Lar

A importância e santidade do casamento sempre foram um pensamento inferior entre os que não reverenciam a Bíblia. O lar e o casamento eram desprezados pelos romanos. O casamento era tão freqüentemente evitado que Augusto impôs tributos aos solteiros por que a decadência da unidade familiar era destrutiva para o estado. Mesmo entre os que eram casados, a moralidade — a qual é a força e a glória de qualquer povo — era raramente conhecida. Além disso, como disse certo escritor, “o enlace matrimonial era

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Timóteo 3:16).

tão facilmente dissolvido quanto tardiamente contraído”. O índice de divórcios entre romanos pagão faz lembrar o índice dos Estados Unidos, que começaram como uma nação cristã. Entre aqueles que seguem a Cristo seriamente, a influência do cristianismo preserva os lares unidos e mantém a santidade dos votos matrimoniais.

Pobres e Enfermos

Nem a religião nem a filosofia da Grécia e de Roma se inclinavam a consolar os pobres. Os deuses que eles adoravam eram descritos como seres cruéis. Instituições de caridade eram inexistentes em terras pagãs.

“Como é que você pode se rebaixar tanto a ponto de não repelir um pobre com escárnio?” — era a pergunta de um romano rico a outro. Multidões de mendigos recebiam ocasionalmente esmolas, mas estas eram dadas com repugnância. Ao contrário disso, os cristãos, vendo nos mendigos e angustiados, a imagem de Deus, ajudaram os desamparados e ganharam o respeito dos pagãos. Mesmo nos dias atuais, embora os cétricos menosprezem a influência do cristianismo sobre os direitos humanos, é verdade que esses direitos andam de mãos dadas com o cristianismo. Tais privilégios não existem em países que são dominados por outras religiões.

Além disso, o efeito da compaixão de Cristo por quem não tinha o que comer se reflete na sociedade moderna. Isto se aplica não só entre os que se tornaram Seus discípulos, mas também entre milhões de pessoas que não são cristãs. Multidões de não-cristãos tiveram seus corações aquecidos por atos de compaixão direta ou indiretamente através dos ensinamentos bíblicos.

Combate de Gladiadores

Um senso depravado de divertimento era saciado pelos horríveis combates entre gladiadores. É preciso dar crédito à influência do cristianismo na cessação permanente de tal desumanidade cruel.

Escravidão

O império romano, na época de Cristo, era povoado por sessenta milhões de homens livres e sessenta milhões de escravos. Homens escravizados eram considerados menos valiosos do que terra ou gado. A lei romana impunha

morte a quem matasse um boi de arado, mas não ao assassino de um escravo. O imperador Trajano forçava dez mil escravos a lutarem de uma vez no anfiteatro para diversão do povo.

A história registra que, embora o cristianismo não pregasse revolução, ele “debilitava a escravidão por meio de justiça imparcial, amor abnegado e igualdade fraternal”. O grande ensino da fraternidade universal tem sido comparado a um machado cravado na raiz do detestável crime da escravidão. Hoje, não existem donos de escravos em praticamente todos os países civilizados.

Guerra

As guerras seriam completamente eliminadas se todas as nações aceitassem o ensino cristão de fraternidade universal. Apesar da humanidade não viver como irmãos, o desejo pela guerra desfalece onde quer que o cristianismo se espalhe. Guerras não são iniciadas por quem se entregou a Cristo. O cristianismo também tem influenciado a redução dos horrores de guerra. Aqueles que se declaram cristãos prestam mais respeito aos prisioneiros de guerra e a imunidade é geralmente concedida a nações não-combatentes. O cuidado e a cura de soldados feridos são práticas com as quais ninguém sonhava na antiguidade. Assim, a toque de humanidade de Jesus tem afetado até aqueles que não seguem a Sua religião.

Em resposta à acusação de que os seguidores do Príncipe da Paz provocaram guerras, basta dizer que, ao fazê-lo, eles romperam com os princípios de seu Líder.

O DECLÍNIO DA ADORAÇÃO PAGÃ

Uma prática comum entre os pagãos era a adoração do imperador, mesmo quando ele cometia os excessos mais vis. Contudo, os deuses não promoviam um aperfeiçoamento moral dos imperadores humanos. Não nos causa surpresa, portanto, que a adoração pagã seja descrita como totalmente imoral.

MORALIDADE GERAL

Há anos os que se opõem aos ensinamentos da Bíblia têm ensinado imoralidades. Consistentemente, eles têm praticado o que ensinam. Deve-se admitir que o “ateísmo não tornará um homem ímpio bom”. Em contraste com isto, os que firmemente

se entregam ao cristianismo abandonam vícios e abraçam uma conduta moral exemplar. A instrução bíblica invariavelmente eleva os padrões morais.

A DIGNIDADE DO TRABALHO

O trabalho manual era antes considerado baixo para a posição de homens que possuíam respeito próprio. Ele era associado somente aos escravos. Platão e Aristóteles ensinaram que o trabalho era degradante. Diz-se que o imperador Augusto certa vez executou um senador por ter trabalhado num jardim ajudando um amigo. Todavia, a carpintaria de Jesus e o trabalho de Paulo como fazedor de tendas fez os homens trabalhadores reconhecerem que o trabalho não era “o emblema da escravidão”. A dignidade do trabalho começou a ser respeitada após o cristianismo. Hoje, essa é a opinião até daqueles que não são cristãos. Assim o cristianismo tem afetado não só o mundo moral e espiritual, mas também o mundo prático.

ATITUDES EM RELAÇÃO À VIDA

Pessoas com falta de fé na Bíblia vêm a vida sem esperança. A visão de Bertrand Russell era cínica:

O mundo em que vivemos pode ser entendido como resultado de confusão e acidente; mas se ele for o resultado de um propósito deliberado, esse propósito deve ter partido de um ser maligno. De minha parte, acho a hipótese de acidente menos dolorosa e mais plausível.¹

Um famoso erudito chamado Lucrecio descreveu a vida como “uma longa luta no escuro”². Pessoas que partilham dessas atitudes não sabem por que estão no mundo. Para alguns, o suicídio torna-se uma idéia feliz. Quanto ao propósito da vida, os incrédulos só podem oferecer filosofias vazias. Vêm-se numa total solidão quando observam o brilho do sol descendo de um céu vazio para iluminar uma terra sem alma. Deles é o reino da desesperança.

A única palavra de ânimo que um agnóstico poderia dar a um questionador da vida seria: “Pense no Incompreensível”. Ao contrário disso, os crentes possuem otimismo e vidas voltadas para servir, cheias de consolo e felicidade.

ATITUDES EM RELAÇÃO À MORTE

Dignos de pena e tristeza são os incrédulos

quando tentam enfrentar a morte. Lucrecio “procurava amortecer seu coração condoído com a anestesia congelante da aniquilação”. Um outro pensador disse:

Aqueles que ainda se prostram aos pés de Cristo desconhecem a angústia do passar do tempo, a angústia da solidão e o terror de vir a ser extinto. Eles seguem os seus caminhos confiantes e tranqüilos. Eu daria a minha vida para possuir a ilusão radiante deles... Na falta dessa fé, quem dera pudéssemos nos ancorar em alguma coisa, alguma esperança, alguma imortalidade — mas não há nada disso. Fora da sempre brilhante pessoa de Cristo tudo é terror e escuridão.

“Medo” é a única palavra que pode descrever as reações de tais incrédulos como Voltaire, David Hume e Thomas Paine no leito de morte. Felicidade e beleza são os pensamentos de crentes fiéis como Paulo, João e Policarpo³ quando seus últimos dias estavam se aproximando. O cristianismo tem um efeito na hora da morte mais precioso do que o ouro.

SUBPRODUTOS DO CRISTIANISMO

O principal propósito do cristianismo é transformar pecadores em santos. Todavia, esse propósito principal é acompanhado de vários subprodutos vantajosos.

Educação

O cristianismo tem exercido um tremendo efeito no campo da educação. Entre 1550 e 1700, havia vinte grandes universidades na Europa, todas fundadas por crentes na Bíblia. Nos Estados Unidos, religiosos fundaram praticamente todas as universidades grandes. É lamentável que incrédulos tenham se infiltrado nessas escolas, mas esse fato não tira o crédito da influência do cristianismo que deu início às escolas. Entre todas as nações, o índice de alfabetização é muito mais elevado onde a Bíblia é ensinada.

Literatura

Tão soberana é a influência da Bíblia na boa literatura que dizem que todos os demais livros são a Bíblia diluída. Quatro qualidades literárias da Bíblia são alistadas como as razões da sua superioridade: variedade, poder, universalidade e beleza. O “fio de ouro da influência das Escrituras” geralmente “é um dos fios mais preciosos e belos da tapeçaria” da literatura uni-

versal. “Em geral a Bíblia não tem sido apenas um acréscimo decorativo, mas ela é uma parte tão essencial da trama e da textura do tecido que sua retirada resultaria no desenlace e destruição de todo o tecido”.

Música

Muitos grandes hinos inspiraram-se na Bíblia. Entre eles estão: “A Velha História”, “Morri na Cruz” e muitos outros dos hinários utilizados em nossas congregações.

Arte

Algumas das pinturas mais valorizadas do mundo baseiam-se em temas bíblicos. Entre as mais renomadas estão “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci, “Cristo e o Pagamento do Tributo”, de Van Dick e “O Filho Pródigo”, de Rembrandt.

UM MUNDO TRANSFORMADO

Sem sombra de dúvida, o mundo moral e espiritual tem se transformado por toda parte onde o fermento do cristianismo permeou. A transformação tem um alcance tão longo que ela é considerada maiôr do que qualquer milagre bíblico. Para um simples homem fazer um oceano parece não mais improvável do que um carpinteiro “galileu inculto” fazer o conhecimento de Deus cobrir a terra. Zeno, Platão, Sócrates e muitos outros esforçaram-se inutilmente para anunciar ensinamentos praticáveis, mas Jesus ensinou e estabeleceu um novo estilo de vida para uma grande parte do mundo.

Uma outra maravilha do cristianismo é um feito que para os antigos era uma impossibilidade: unir povos diferentes numa mesma religião. “Um homem deve ser muito fraco”, disse Celso, “para imaginar que gregos e bárbaros, na Ásia, Europa e Líbia, poderão algum dia se unir debaixo do mesmo sistema de religião”.

Uma consideração da vastidão e variedade da influência do cristianismo torna toda explicação humana inadequada. O historiador incrédulo Edward Gibbon, que sabia mais a respeito dos fatos reais relativos ao crescimento do cristianismo do que qualquer outro estudioso sentiu-se compelido a atribuir esse crescimento a razões humanas. Ele alistou

cinco: zelo, uma doutrina de vida futura, suposto poder miraculoso, moralidade pura e disciplina. Todavia, cada um dessas razões já existia antes da vinda de Jesus. Elas não fornecem uma explicação adequada para a expansão e o efeito singulares do cristianismo; parecem consistir num esforço estudado para se oferecer qualquer explicação possível que evite atribuir a Jesus uma divindade. O mesmo historiador disse: “Os vários modos de adoração, que prevaleciam no mundo romano, eram todos considerados pelas pessoas, como igualmente verdadeiros; pelos filósofos, como igualmente falsos e pelos magistrados, como igualmente úteis”⁴.

Independentemente do que os incrédulos falem a respeito do cristianismo, eles desfrutavam diariamente dos ricos benefícios trazidos a este mundo pelo ensino da Bíblia. Na luta pelo avanço do ateísmo, eles estão fazendo tudo dentro de suas possibilidades para destruir aquilo que tem abençoado a eles mesmos e a suas famílias.

CONCLUSÃO

O ensino da Bíblia tem causado impacto em praticamente todas as áreas da vida; seu alcance maravilhoso por quilômetros e anos identifica-a como mais do que um livro feito por mãos humanas. As evidências de sua influência apontam para sua inspiração divina.

¹Bertrand Russell, *Why I Am Not a Christian* (“Por que não sou cristão”). Nova York: Simon and Schuster, 1957, p. 93.

²Lucretius, *On the Nature of Things* (“Sobre a Natureza das Coisas”), citado em John Bartlett, *Bartlett’s Familiar Quotations* (“Citações Conhecidas de Bartlett”), 16ª ed., ed. Justin Kaplan. Boston: Little, Brown and Co., 1992, p. 89.

³Policarpo era líder entre os cristãos primitivos em Esmirna, onde ficava uma das sete igrejas da Ásia citadas em Apocalipse. Ele pode ter sido um presbítero dessa igreja. A história dramática da morte de Policarpo como um mártir cristão é contada em livros como o de Justo L. Gonzalez, *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, vol. 1, “A Era dos Mártires”. São Paulo: Ed. Vida Nova, s.d.

⁴Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (“A História do Declínio e Queda do Império Romano”), citado em Bartlett, p. 340.